

## DIALÓGOS POSSÍVEIS ENTRE A EDUCAÇÃO FINANCEIRA E EDUCAÇÃO MATEMÁTICA CRÍTICA

Thamires Santos Andrade <sup>1</sup>  
Kíssia Carvalho <sup>2</sup>  
Jair Dias de Abreu <sup>3</sup>

### RESUMO

A Educação Financeira é uma base necessária para que uma sociedade seja saudável financeiramente. Desde uma simples poupança para a aposentadoria até a compras conscientes no cartão de crédito, o ensino e conhecimento sobre a Educação Financeira pode contribuir de fato para que ações econômicas sejam mais coerentes. Talvez a importância desse tema esteja atrelada a discussões como essa em cenário acadêmico. Este trabalho apresenta como objetivo, descobrir os possíveis diálogos que podem existir entre a Educação Financeira e Educação Matemática Crítica, buscando contribuir para o entendimento das temáticas. Este é um estudo de revisão bibliográfica, onde foram utilizados sites de busca, como o Google Acadêmico e SCIELO, através das palavras-chave: Educação Financeira, Educação Matemática Crítica, Formação inicial de professores. Com o resultado da pesquisa foi possível comprovar que as temáticas estão relacionadas e que podem contribuir de fato para que a compreensão das temáticas torne uma sociedade saudável. Conclui-se então que a compreensão, pode ocasionar na conscientização de uma sociedade, na qual o professor formador atua como sujeito conscientizador na educação básica para indivíduos que podem tornar uma sociedade saudável financeiramente.

**Palavras-chave:** Educação Financeira. Educação Matemática Crítica. Criticidade. Formação Inicial.

### INTRODUÇÃO

A Educação Financeira faz parte de assuntos contemporâneos, que devem ser inseridos nos currículos e em propostas pedagógicas da Educação Básica. Entendemos que essa temática deve ser abordada desde cedo nos cursos de Licenciatura em Matemática, já que, quanto mais cedo, os professores se informarem e se integram deste conhecimento, mais perto estarão de formar cidadãos com responsabilidade e criticidade em relação às finanças pessoais.

---

<sup>1</sup> Graduanda do Curso de Licenciatura em Matemática do Instituto Federal – IF, [thamires.andrade@academico.ifpb.edu.com](mailto:thamires.andrade@academico.ifpb.edu.com);

<sup>2</sup> Professora orientadora: Mestre, Instituto Federal – IF, [kissia.carvalho@ifpb.edu.br](mailto:kissia.carvalho@ifpb.edu.br);

<sup>3</sup> Doutorando em Ensino de Ciências e Educação Matemática na Universidade Estadual da Paraíba – UE, [jairedmat@gmail.com](mailto:jairedmat@gmail.com);

A inserção da Educação Financeira na sala de aula de formação inicial é necessária para que os futuros professores estejam com um bom pensamento crítico para a aplicação de situações financeiras, de forma interdisciplinar, e que envolva debates sobre as dimensões culturais, sociais, políticas, psicológicas e econômicas a respeito da relação entre consumo, trabalho e dinheiro. Sabemos que os debates em relação à Educação Financeira no Brasil são recentes, e por isso, se trata de algo que precisa de muita dedicação na elaboração de propostas.

Com o avanço cada vez maior da ciência, entendemos que os conhecimentos matemáticos precisam relacionar a ciência com a prática. Assim sendo, sabendo que a economia influencia cada vez mais a sociedade, acreditamos que as temáticas Educação Financeira e Educação Matemática Crítica estão relacionadas e podem reforçar o ensino crítico da Matemática, e, além de estimular vários conhecimentos matemáticos pode proporcionar discussões em relação a questões relacionadas ao cotidiano com uma perspectiva crítica.

Ao se estudar a Educação Financeira, podemos relacionar a essa temática a Educação Matemática Crítica, que apresenta em seu contexto, relações diretas com situações que envolvem a Educação Financeira, ou seja, ao fazermos essa relação, encontramos na Educação Financeira muitos aspectos e ideias da Educação Matemática Crítica. Por exemplo, em muitas das vezes por não possuímos conhecimentos básicos de Matemática, que poderiam ajudar em escolhas do cotidiano de forma mais reflexiva e crítica em relação a aspectos da Matemática Financeira. Ao fazermos questionamentos e reflexões de conteúdos básicos da Matemática, principalmente em relação aos benefícios ou malefícios da tomada de decisões, aos optamos por essa atitude, estamos discutindo a Educação Matemática Crítica.

Por esse motivo, esse trabalho apresenta como descobrir os possíveis diálogos que podem existir entre a Educação Financeira e Educação Matemática Crítica, buscando contribuir para o entendimento das temáticas.

O presente artigo utiliza uma metodologia baseada em uma pesquisa qualitativa, focada em uma análise acerca de discussões sobre Educação Financeira, Educação Matemática Crítica e criticidade. Essa análise será realizada através de pesquisas bibliográficas e documentais em meios eletrônicos, de artigos publicados, legislações, livros e reportagens. As diferentes ferramentas e assuntos descritos durante o artigo permitirão ao leitor a contextualização dos fatos acerca da importância da educação financeira.

## **DISCUSSÕES SOBRE A EDUCAÇÃO FINANCEIRA**

As discussões sobre Educação Financeira vêm avançando consideravelmente nos últimos anos, levando em consideração que grande parte dessas menções estão associadas ao esclarecimento sobre finanças pessoais. As sugestões relacionadas ao termo Educação Financeira na maioria das vezes, aparece sugerido questões de planejamento financeiro, independência financeira, gestão do uso do dinheiro e produtos financeiros. Mesmo que tais abordagens sobre o dinheiro e possibilidades de independência financeira sejam importantes, há uma escassez na literatura financeira em relação a construção de competências necessárias para Educação Financeira.

Referindo-se à literatura internacional sobre abordagens da educação financeira, Savoia, Saito e Santana (2007) apontam que houve algumas evoluções em relação à temática. De acordo com os autores, algumas pesquisas estão sendo realizadas, especialmente, nos Estados Unidos e no Reino Unido. No Reino Unido, algumas instituições são citadas como responsáveis pelo processo de capacitação da Educação Financeira, a exemplo disso, temos o Financial Services Authority (FSA), o Basic Skills Agency (BSA), o Department for Work and Pensions (DWP), o Tesouro Nacional, as instituições financeiras, os grupos comunitários e as escolas. Tais países constataram a relevância do tema, e por esse motivo, vem sendo propagado uma variedade de programas. Contudo, foi percebido que, tais direcionamentos não supriam as dificuldades que os indivíduos apresentavam, como, por exemplo, na elaboração de um planejamento financeiro.

Embora tenha acontecido poucos estudos abordando a temática, no Brasil, algumas ações de instituições privadas e órgãos governamentais foram importantes. A exemplo disso, foi aprovado, em 2010, o Decreto 7397/2010, que promoveu a Estratégia Nacional de Educação Financeira (ENEF), que passou a propor as diretrizes da educação financeira no país. Em 2012, foi aprovado o Decreto 23/12, iniciando um projeto de obrigatoriedade da educação financeira nas escolas públicas. Tal ação foi de suma importância para que crianças e adolescentes sejam conhecedores dos estímulos do capitalismo.

A educação financeira é, então, um meio que fornece métodos eficientes para a tomada de decisões financeiras, diretamente ligado aos níveis de endividamento, inadimplência e investimento. Todavia, esse comando exige organização e alterações de rotinas e comportamentos. É por isso que, quanto antes iniciar a elaboração do planejamento financeiro, mais rápido e melhores resultados serão obtidos. De acordo com Tommasi e Lima

(2007, p.14), “o objetivo final da educação financeira é permitir a melhora de nossa qualidade de vida, seja hoje ou no futuro, atingindo de forma inteligente nossos objetivos pessoais”. É por meio desse conhecimento que o uso consciente do dinheiro se torna eficiente.

Segundo Neto (2014), em uma pesquisa feita pelo IBGE, chegou-se à conclusão que o orçamento familiar dos brasileiros não permitia que os consumidores conseguissem poupar. A partir da pesquisa foi constatado que antes era possível poupar cerca de 17% de todo o orçamento, depois, apenas 5% estavam sendo dedicados à poupança da maioria dos brasileiros. Em contrapartida, nos anos 70, as despesas eram aproximadamente 75% do orçamento, no ano da pesquisa superou cerca de 82% do consumo familiar. Além disso, a situação se agrava com o mau uso do dinheiro, fazendo com que cada vez mais, cidadãos acabem “no vermelho”, pagando juros, taxas e complicando ainda mais o seu orçamento.

Neto (2014) deixa claro que os problemas que foram citados sobre o orçamento familiar dos brasileiros podem ser evitados através de uma boa administração do dinheiro e do uso dos bens de consumo, além disso, alguns erros são cometidos com frequência e é primordial que haja uma reflexão quanto a tais afirmações.

Por essas razões, surge a necessidade de levantar diálogos sobre a Educação Financeira, levando em consideração a insuficiência das abordagens feitas sobre o tema atualmente. A promoção de discussões sobre a temática ajuda a provocar reflexões para que aconteçam as soluções dos problemas que permeiam essa realidade. Para Baroni, Hartmann e Carvalho (2021, p. 25):

“Reflexões sobre o funcionamento do mercado financeiro e o papel do consumo na sociedade exigem uma prática docente que extrapola as discussões puramente matemática e desconectadas de problemas sociais da atualidade, em especial o endividamento da população, consequência de um consumo desmedido e cada vez mais pautado no crédito”.

Dessa maneira, faz-se necessário promover discussões sobre essas temáticas para que os problemas sejam vistos, analisados e resolvidos. No Brasil, a Educação Financeira tem sido vista como uma temática importante, já que tem ajudado pessoas em relação à tomada de decisões a respeito das finanças pessoais.

De acordo com uma pesquisa realizada pelo Serviço de Proteção ao Crédito (SPC) e publicada pela Confederação Nacional de Seguradoras (CNseg) (2018), cerca de 45% dos brasileiros não têm nenhuma atitude financeira em relação ao controle dos gastos pessoais. Para que se tenha uma ideia, 20% dos brasileiros utilizam a memória para organizar as finanças, além disso, a maioria dos brasileiros sequer sabem o que é uma reserva de

emergência ou até mesmo entendem o conceito de investir, guardando o dinheiro em conta poupança, que rende muito pouco.

## **ALGUMAS CONSIDERAÇÕES SOBRE A EDUCAÇÃO MATEMÁTICA CRÍTICA**

A matemática é uma ciência que serve como ferramenta para solucionar problemas para muitos ambientes, no trabalho, no cotidiano ou meio social, mencionando alguns exemplos. Ela tem o poder de auxiliar indivíduos com o pensamento racional e na tomada de decisões importantes. No entanto, quando pensamos sobre a importância de formar cidadãos críticos, notamos que existe uma falência nesse quesito de colaboração para a sociedade. Segundo Skovsmose (2001), a linguagem científica não representa um reflexo da realidade e, sim o oposto a isso, fazendo com que se limite a uma ferramenta de prescrição e formatação.

A partir disso, enfatizamos, que a matemática deveria incorporar outro sentido, com um enfoque sociopolítico, incorporando uma educação que, de acordo com Freire (2009), seria uma educação com uma postura diante dos problemas de seu tempo, que não seja apenas uma enfadonha repetição de afirmações sem conexões com a sociedade.

Foi à procura de propostas inovadoras, que privilegia assuntos relevantes e favorece a compreensão e visualização dos alunos no meio em que vivem, que encontramos a temática chamada “Educação Matemática Crítica” configurada pelo professor dinamarquês Ole Skovsmose. Em sua obra intitulada “Educação matemática crítica: a questão da democracia” (2001), o autor demonstra que o ensino da Matemática deve ocorrer a partir do desenvolvimento de aptidões dos conteúdos matemáticos, da criticidade e da condição de diálogo entre assuntos que estão relacionados à sociedade.

Em uma de suas obras, intitulada “Educação Crítica: Incerteza, Matemática e Responsabilidade” (2007), Skovsmose afirma que:

Tem havido observações consideráveis sobre o que poderia significar desenvolver a educação matemática, não para um trabalho em particular, mas para preparar cidadãos. Essa cidadania poderia ser passiva, mas faz sentido perguntar como a educação matemática poderia prepará-los para a cidadania crítica (SKOVSMOSE, 2007, p. 188).

A Educação Matemática Crítica (EMC) sugere a necessidade de formar um cidadão que seja crítico frente à sociedade. Essa temática se preocupa em capacitar sujeitos quanto a uma participação ativa que não se limite apenas ao conhecimento matemático. As primeiras discussões da EMC se iniciaram na década de 1980 pelo autor Ole Skovsmose, que acredita

que esse assunto está ligado com a capacitação de cidadãos para atuarem em questões sociais que envolvam a realidade. Skovsmose (2001) afirma que a educação precisa discutir problemas sociais, como as desigualdades sociais, fazendo com que seja realizada uma força social progressivamente ativa.

O autor acredita que qualquer situação crítica ou uma crise requer ação e envolvimento, isto é, requer crítica (SKOVSMOSE, 2001). De acordo com o autor, crítica é a investigação de condições para a obtenção de conhecimentos e reações em relação a problemas sociais, ou seja, o termo se refere à importância de realizar autorreflexões, reflexões e reações.

Dessa maneira, a EMC concorda que o ensino de matemática não deve estar limitado apenas a números, regras e problemas, é preciso que essa ciência seja tratada como um instrumento do desenvolvimento de ações sociais, como: igualdade, valores morais, justiça social e entre outros, já que a matemática pode ser usada para diversos fins, como; reflexão, avaliação e questionamentos, levando em consideração o diálogo como peça-chave para o desenvolvimento da Educação Matemática Crítica.

## **A CRITICIDADE EM EDUCAÇÃO FINANCEIRA**

No ensino de matemática costuma ser levado em consideração abordagens formais, que se caracterizam assim por causa do rigor das aulas tradicionais de matemática. E, sistematicamente, tudo que envolve o ensino da disciplina acaba por se limitar apenas a regras, sem levar em consideração questionamentos sociais, políticos e culturais sobre problemas que a sociedade enfrenta no cotidiano. Os professores se importam apenas com a objetividade do estudo da disciplina, se atentando aos conteúdos que devem ser ministrados e, em seguida, memorizados com métodos utilizados para resolução de problemas propostos a partir da apresentação dos assuntos (SKOVSMOSE, 2001).

O autor Ole Skovsmose (2001) acredita em uma Matemática com ações, que possa fazer parte de diversos contextos importantes, sabendo disso, propõe a criação de campos de investigação para aumentar as possibilidades de aprendizado na formação dos discentes, que deve se relacionar com um estudo crítico da realidade. É por isso, que:

A Educação Financeira está diretamente relacionada à Educação Crítica e à Matemática Financeira para a formação de um aluno autônomo, por meio da contextualização das situações do mundo real e dos cálculos financeiros do cotidiano, objetivando o consumo consciente para evitar o endividamento,

elucidando a importância da Educação Financeira, a qual deve estar inserida no âmbito escolar desde as séries iniciais do Ensino Fundamental (PEPPE, 2015, p. 7).

Logo, compreendemos que a Educação Financeira precisa levantar questionamentos e investigações sobre a organização financeira da sociedade. A junção da Educação Financeira com a Educação Matemática Crítica promove discussões que a sociedade pode acabar cometendo ao longo da vida, como, por exemplo, o endividamento familiar e a importância de se poupar dinheiro.

A finalidade que se busca na atualidade em relação à Educação é tornar o aprendizado significativo para o discente, em prol da formação de um sujeito que seja ativo na sociedade e tenha uma postura crítica. O professor deve preferir perguntas que desafiem, para que o conhecimento não se limite a verdades estabelecidas (SKOVSMOSE, 2001).

A BNCC (Base Nacional Comum Curricular) juntamente com um parecer CNE (Conselho Nacional de Educação) afirmaram que a Educação Financeira deverá ser aplicada nas escolas, tanto no ensino infantil quanto nos ensinos fundamental e médio. Quando se fala sobre esse desafio da implementação da educação financeira nas escolas, fala-se de uma política nacional de educação, por esse motivo tal desafio é amplo (BRASIL, 2020).

Vale salientar que a BNCC está trazendo a educação financeira como uma matéria transversal, ou seja, a proposta é que seja desenvolvida através de aulas específicas ou até mesmo elaboração de projetos dentro de outras matérias, o que de fato pode enriquecer os processos de ensino e de aprendizagem.

Foi orientado pelo Ministério da Educação a implementação em todas as escolas brasileiras até o final de 2021 – prazo prorrogado para 2022 em função da pandemia, aponta para a inclusão da Educação Financeira como tema transversal (BRASIL, 2020).

É claro que, quando se fala dessa série de benefícios por trás dessas propostas, entende-se que diversos desafios surgem junto. O primeiro desafio é a capacitação dos docentes: não é possível fazer implementações de um conhecimento novo para o ensino aprendizagem se os professores não estão preparados, pois a maioria dos professores dos últimos anos não foram apresentados a tal conhecimento. Logo, em relação à formação dos professores, Baroni (2021, p. 245-246) afirma que:

Entendemos que a Educação Financeira que se faz pertinente em curso de formação inicial de professores de Matemática é um processo de problematização da vida financeira, pessoal e coletiva, tendo por objetivo compreender e analisar criticamente o mundo financeiro e suas implicações sociais, políticas e econômicas, em uma perspectiva de transformação dos mecanismos de dependência econômica e desigualdade social. Esse processo se dá por meio de diferentes análises, entre elas a

Baroni destaca que a formação de professores em relação a Educação Financeira deve considerar a interdisciplinaridade da aplicação da temática em diversos temas geradores. A autora utiliza o termo literacia financeira, que é justamente a capacidade de compreensão quanto à organização das finanças em relação a diversos contextos, logo, “encontrando formas de gerir a vida financeira com autonomia e se posicionar criticamente sobre as consequências dessa organização” (BARONI, 2021, p. 245).

## **RESULTADOS E DISCUSSÃO**

Com a pesquisa bibliográfica podemos identificar possíveis cenários de investigações, e a partir de diálogos e experiências, auxiliamos a atuação de um sujeito ativo e crítico na sociedade. Portanto, esse diálogo culmina na promoção da prática docente que desafia os discentes a pensarem em uma transformação da realidade.

A partir das pesquisas realizadas notamos que existe uma escassez de literatura sobre Educação Financeira. No entanto, mesmo havendo tanta carência na literatura, o autor Savoia (2007), aponta que houveram algumas evoluções em relação a materiais sobre a temática. Levando em consideração que a nível global, vem sendo propagado diversos programas em instituições financeiras, escolas e espaços comunitários, que tem como objetivo comunicar aos indivíduos a relevância sobre o tema.

Contudo, foi notado que os direcionamentos eram mais teóricos do que prático, ou seja, eram se apresentado a teoria, mas ao final dos programas, os participantes ainda apresentavam dificuldade em elaborar um planejamento financeiro.

No Brasil, embora, também tenha acontecido poucos estudos abordando o tema, foi aprovado um decreto que promovia a Estratégia Nacional de Educação Financeira (ENEF), que passou a propor as diretrizes da educação financeira no país. No ano de 2012, foi aprovado outro Decreto 23/12, que apresentava um projeto de obrigatoriedade da educação financeira nas escolas públicas.

Os diversos problemas que são citados em relação ao orçamento familiar podem ser evitados por meio de uma boa administração do dinheiro e do uso dos bens de consumo, para isso, é necessário que aconteça reflexões em relação a essas escolhas errôneas que são cometidas. Por essas razões, surge a necessidade de levantar diálogos sobre a Educação



Financeira, levando em consideração a insuficiência das abordagens feitas sobre o tema atualmente, e a promoção de discussões sobre a temática pode ajudar a provocar reflexões.

A matemática é uma ciência que serve como ferramenta para solucionar problemas para muitos ambientes e em relação a Educação Financeira, ela tem o poder de auxiliar indivíduos com o pensamento racional e na tomada de decisões importantes. No entanto, notamos que existe uma falência nesse quesito de colaboração para a sociedade. De acordo com o autor Skovsmose (2001), a linguagem científica não representa um reflexo da realidade.

Por esse motivo, matemática deveria incorporar outro sentido, com um enfoque sociopolítico, incorporando uma educação que, de acordo com Freire (2009), seria uma educação com uma postura diante dos problemas de seu tempo.

Foi à procura de propostas inovadoras, que privilegia assuntos relevantes e favorece a compreensão e visualização dos alunos no meio em que vivem, que encontramos a temática chamada Educação Matemática Crítica configurada pelo professor dinamarquês Ole Skovsmose. o autor demonstra que o ensino da Matemática deve ocorrer a partir do desenvolvimento de aptidões dos conteúdos matemáticos, da criticidade e da condição de diálogo entre assuntos que estão relacionados à sociedade.

A Educação Matemática Crítica (EMC) sugere a necessidade de formar um cidadão que seja crítico frente à sociedade, com questões que envolvam a realidade. Skovsmose (2001) afirma que a educação precisa discutir problemas sociais, como as desigualdades sociais, fazendo com que seja realizada uma força social progressivamente ativa.

O ensino da disciplina de matemática, na maioria das vezes acaba se limitando apenas a regras, sem levar em consideração questionamentos sociais. Os professores da área se importam apenas com a objetividade do estudo da disciplina. O autor Ole Skovsmose (2001) acredita em uma Matemática com ações, que possa fazer parte de diversos contextos importantes.

Logo, compreendemos que a Educação Financeira precisa levantar questionamentos e investigações sobre a organização financeira da sociedade, com um objetivo que seja significativo para o discente, em prol da formação de um sujeito que seja ativo na sociedade e tenha uma postura crítica.

## CONSIDERAÇÕES FINAIS

O presente artigo teve como abordagem principal, a Educação Financeira, uma temática que tem extrema relevância para o meio acadêmico e para a sociedade. Além disso, essa pesquisa se trata de uma preocupação quanto as finanças pessoais de uma população, é inevitável a preocupação com o número de endividados que não possui conhecimento sobre a melhor tomada de decisões em relação ao despreparo da população para lidar com as situações que acontecem ao longo do dia.

A ministração da Matemática não deve se limitar apenas a aplicação de fórmulas e regras sem nenhum tipo de contextualização que aborde discussões críticas sobre a Educação Financeira. O ensino de Matemática vai muito além do entendimento de fórmulas e suas aplicações em problemas propostos pelos professores para a resolução de exercícios. Por esse motivo, é interessante que seja problematizado e discutido questões da Educação Financeira relacionando a Matemática com temas importantes como a sustentabilidade e economia na formação inicial dos licenciandos, para que seja possível que esses futuros professores que atuarão em sala de aula, ensinem aos seus alunos a desenvolver o senso crítico e o entendimento sobre escolhas e comportamentos na sociedade.

A presente pesquisa tornou possível que fosse feito alguns possíveis diálogos entre as temáticas. É, por isso, que podemos considerar que foi uma pesquisa rica, já que fortalece e desenvolve o senso crítico de todos os professores que lerem o trabalho. Além disso, a pesquisa busca contribuir com a formação dos futuros licenciados em matemática. Devemos levar em consideração que além do presente trabalho ser importante para professores em formação, também é importante para a formação de uma cidadania baseada na sustentabilidade do planeta, na possibilidade de fazer com que os alunos consigam fazer argumentações e reflexões em prol de escolhas para futuro e de entender sobre as possíveis consequências das escolhas pessoais do cotidiano.

Além disso, existe um leque de possibilidades para pesquisas sobre a temática, como, por exemplo, com alunos do ensino médio, ou alunos do ensino fundamental. Existe muito a se pesquisar, a presente pesquisa é apenas o início de uma discussão que se entende a muitas outras esferas, já que, Educação Financeira é um tema transversal.

## REFERÊNCIAS

45% DOS BRASILEIROS NÃO CONTROLAM AS PRÓPRIAS FINANÇAS. CNSEG, 2018. Disponível em: <<https://cnseg.org.br/noticias/45-dos-brasileiros-nao-controlam-as-proprias-financas.html>>. Acesso em: 28 de jan. de 2022.

BRASIL. **Ministério da Educação**. Base Nacional Comum Curricular.

BRITTO, R. R.; KISTEMANN JR, M. A.; SILVA, A. M. **Sobre Discursos e Estratégias em Educação Financeira**. *Jornal Internacional de Estudos em Educação Matemática*, v. 7, n.1, p. 177-208, 2012.

FREIRE, P. **Educação como prática da liberdade**. Rio de Janeiro: Paz e Terra, 2009.

HARTMANN, A. L. B.; BARONI, A. K. C. **Os espaços da Educação Financeira na Base Nacional Comum Curricular**. In: BARONI, A. K. C.; HARTMANN, A. L. B.

NETO, A. M. [et al.] **Educação Financeira**. Porto Alegre: EDIPUCRS, 2014.

PEPPE, Lilian Brazile. **Perspectiva da Educação Financeira: uma análise didática**. In: EBRAPEM – Encontro Brasileiro de Estudantes de Pós-Graduação em Educação Matemática, XVIII., 2015, Juiz de Fora. Anais. Juiz de Fora: 2015, 1 – 11.

SAVOIA, J. R. F. et al. **Paradigmas da Educação Financeira no Brasil**. 2007. Disponível em: < <https://www.scielo.br/j/rap/a/XhqxBt4Cr9FLctVvzh8gLPb/?format=pdf&lang=pt>>. Acesso em: 23 dez 2021.

SKOVSMOSE, Ole. **Educação Matemática Crítica: a questão da democracia**. São Paulo: Campinas, Papirus, 2001.

\_\_\_\_\_. **Educação Crítica: Incerteza, Matemática e Responsabilidade**. São Paulo: Cortez, Papirus, 2007.



TOMMASI, Alessandro; LIMA, Fernanda de. **Viva melhor sabendo administrar suas  
finanças**. São Paulo: Saraiva, 2007.